

## OS DISCURSOS ACERCA DA REDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR NO RIO GRANDE DO NORTE APÓS A INTENTONA COMUNISTA

CONCEIÇÃO FILHO, José Borges da.\*

Esta apresentação visa a dar conta dos esforços que estão sendo desenvolvidos em meu ensaio monográfico, onde procuro levantar os vários discursos em torno da reconstrução da identidade militar após a série de eventos denominados de “Intentona Comunista” ou “Levante Comunista” em Natal. Posteriormente aos eventos citados, se torna necessário a reformulação da identidade em uma das corporações militares, o exército, como forma de se dissociar do evento, o qual foram os principais atores. Essa reformulação se dá a partir da elaboração de um discurso identitário que se define pelo anticomunismo, a exarcebação do nacionalismo, e a cordialidade militar. Esse trabalho torna-se importante na medida em que entendemos que o anticomunismo servirá como subsídio importante para a redefinição de um discurso conservador no Rio Grande do Norte nas décadas de 30 e 40.

Palavras-Chave: Comunismo, Exército, Rio Grande do Norte.

O presente trabalho trata sobre o levantamento realizado no decorrer de meu trabalho monográfico em andamento dos discursos desenvolvidos dentro da instituição do Exército Brasileiro, no período que se segue ao episódio conhecido como “Intentona Comunista”, que seria uma definição jocosa dado pelas camadas mais conservadoras da sociedade sobre o evento, mas que também é conhecida como “Revolução Comunista” e “Levante Comunista”. Por ser uma constante maior em meu material de pesquisa, e por se tratar de uma definição mais branda, utilizarei o termo “Levante Comunista” ou apenas “Levante” no decorrer de meu trabalho para denominar o episódio. Esse evento, ocorrido em fins de novembro de 1937 nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, irá produzir a necessidade de uma reformulação identitária no Exército por sua natureza militar, e pelo caráter não institucional de seus objetivos. Isso vai levar a formulação de discursos conservadores dentro do Exército, adicionando novas linhas e reforçando posições, de forma a condenar o evento, como uma estratégia de manutenção do status.

O discurso conservador é um instrumento ideológico com o objetivo de servir como estratégia unificadora de determinados segmentos da sociedade em torno de um objetivo comum. O conservadorismo, de fato, reflete uma estratégia de poder comum a todas as sociedades patriarcais, que por meio de severas regras de conduta e normas sociais, procura criar barreiras para com outras linhas de pensamento diferentes das seguidas pelas instituições difusoras do pensamento conservador. É importante notar que o conservadorismo, através do discurso, está constantemente se transformando e se reformulando, de acordo com as necessidades seja da época ou da conjuntura em que estão envolvidos.

---

\* Graduando da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A historiografia tem apontado as Forças Armadas brasileiras, em especial o Exército, como agentes perpetuadores e propagadores do conservadorismo, principalmente no âmbito político. Frank McCann em seu livro “Soldados da Pátria” aponta a origem histórica do exército no período de 1889-1937. Aponta ele as circunstâncias que levaram o Exército no Brasil monárquico a apoiar o republicanismo e abraçar a causa abolicionista, então elementos de um pensamento liberal e progressista, apoiado em um pensamento positivista, ensinado em suas academias militares, que enfatizava no moto ordem e progresso, sua principal motivação. Passado o período de derrubada do regime monárquico, o exército, como principal força de dissuasão, é usado em inúmeros episódios de rebelião ao estado central, episódios como a Revolução Federalista Gaúcha, Canudos, Revolta da Armada, Contestado entre outros, como forma de atuação repressiva do estado oligárquico e conservador, centrado na política café com leite, em que privilegiava as elites agrárias e procurava manter uma ordem de poder estabelecida.

A conduta do exército nos anos que levam a Revolução de 1930, cada vez mais o aproxima das elites políticas que querem estabelecer um governo central, com uma proposta modernizadora e reformadora das instituições da Velha República. Esta aproximação leva fatalmente o exército a identificar-se com os setores mais tradicionais e reacionários da sociedade. O vínculo da disciplina e hierarquia militar conduz o comportamento deste Exército a uma rígida separação entre classes, que leva praças e oficiais, a se colocarem em terrenos opostos, e muitas vezes conduzindo a um impasse violento, como demonstrado na Revolta da Chibata, em que marinheiros revoltados com a aplicação de castigos físicos para transgressões disciplinares, rebelam-se contra a ordem militar, exigem e conseguem mudanças na rígida punição existente. O Exército vai ser utilizado também de uma forma muito violenta a desbaratar a vila de Canudos na Bahia, sob a influência de Antônio Conselheiro, um leigo difundindo idéias contrárias as pregações da Igreja Católica, e no episódio do Contestado em Santa Catarina, no qual radicais religiosos que, afastados pela conservadora cúpula da Igreja Católica, são colocados na marginalidade e vistos como parias e perigosos pelo estado. Milhares são mortos, em nome de uma inabalável supremacia dos valores conservadores.

O patriarcado é a maior representação, especialmente no Brasil, das elites dominantes. Assim sendo, é de seu especial interesse a manutenção dessa ordem. A serviço do patriarcado se apresenta a instituição do Exército como difusora desse pensamento conservador, justificando e garantindo sua hegemonia. Com esse objetivo em questão, é importante para o

Exército a construção de uma identidade institucional que reflita essa preocupação para com a manutenção dessa ordem estabelecida.

Nesse contexto, apresento o episódio do “Levante Comunista” ocorrido nas cidades de Natal, Rio de Janeiro e Recife em novembro de 1935, como o evento que vai trazer para a pauta do Exército uma grande discussão sobre sua identidade, com reforço de posições e até sobre reconstruções e reformulações de discursos. Um dos importantes discursos construídos no período pós-Levante que podemos observar é o Anti-Comunismo, que até então apesar da influência do integralismo sobre as fileiras do exército, o comunismo era professado livremente dentro dos quartéis, sendo realizadas reuniões para a discussão da ideologia comunista sob a anuência de oficiais. Vemos uma mudança radical sobre essa posição após o levante, como podemos observar no depoimento do General Antônio Carlos da Silva Murici sobre o episódio do Levante Comunista de 1935: “Nos Afonsos, na madrugada de 27, um grupo de oficiais e praças sublevou-se e traiçoeiramente assassinou seus companheiros, alguns dos quais dormindo”<sup>1</sup>. Isso nos leva à análise, como auspiciosamente aponta o autor Frank McCann, que “Na memória coletiva do Exército, os comunistas e a pérfida rebelião de 1935 ficaram para sempre associados”<sup>2</sup>.

Dessa forma, podemos ver claramente que esse evento vai ferir a reputação do exército em seu seio, pois o planejamento e a execução de um episódio revolucionário, que procurava abalar a ordem vigente, sob a supervisão e direção de uma nação estrangeira, foram feitos por pessoas situadas em suas fileiras. Isso vai levar o Exército a procurar se dissociar da ideologia comunista, concomitantemente, apresentando a idéia de que os envolvidos no levante eram homens de valor que foram corrompidos pelo comunismo para realizar os atos mais vis imagináveis. Ao mesmo tempo em que os participantes do levante procuravam modificar a ordem estabelecida, eles atentaram contra sua própria instituição, além do fato da ideologia comunista tentar, nesse episódio, quebrar o espírito de corpo de exército, que estava em constante formulação desde 1910. Isso vai levar à construção de uma mitologia própria do episódio, como a morte de soldados adormecidos, ou o martírio do soldado Luiz Gonzaga em Natal. Esses acontecimentos são de grande importância em meu trabalho, pois demonstram, de forma clara, de que forma se dá a construção e o embate entre os discursos.

Na obra de João Medeiros Filho, “82 Horas de Subversão: Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte”, de 1980, O autor, que na época era o chefe de polícia de

---

<sup>1</sup> MCCAAN, Frank D. **Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p 486.

<sup>2</sup> Idem.

Natal, conta a história do Soldado Luiz Gonzaga, um policial militar que, durante os eventos da Intentona Comunista em Natal, morre bravamente manejando uma metralhadora na defesa do quartel da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Nessa obra, já sofrendo acusações escritas por João Maria Furtado na obra “Vertentes”, João Medeiros Filho procura construir uma imagem de mártir para Luiz Gonzaga, e tenta rebater as afirmações de João Maria Furtado, de que Luiz Gonzaga na verdade seria uma pessoa portadora de distúrbios mentais que teria se refugiado junto a outros civis no quartel da polícia, e que, brincando com um fuzil, teria virado alvo dos revoltosos. Homero Costa, em sua obra “A Insurreição Comunista de 1935: Natal – O Primeiro Ato da Tragédia”, vai desconstruir o discurso de João Medeiros Filho, apresentando vários pontos falhos na sua argumentação: ele demonstra que, durante os primeiros momentos pós-levante, o nome de Luiz Gonzaga não era comentado entre as autoridades e veículos de comunicação. Nem mesmo no livro “Meu Depoimento” de João Medeiros Filho, escrito em 1937, seu nome constava na lista de vítimas das forças de segurança. Da mesma forma, na visita do governador Rafael Fernandes, acompanhado pela imprensa, aos quartéis do 21 Batalhão de Caçadores e da Polícia Militar no dia 30 de novembro de 1935, logo após rechaçada a rebelião, ele não faz qualquer menção ao nome do soldado morto. Ele também apresenta o fato de, na entrevista concedida ao jornal carioca “Correio da Manhã”, e transcrita no jornal “A República” de Natal, o Coronel Otaviano Pinto Soares, comandante do 21 Batalhão de Caçadores, também não faz qualquer menção ao soldado Luiz Gonzaga. Da mesma forma, no relatório do coronel Arthur Sílio Portela, encarregado do IPM (Inquérito Policial Militar) sobre o episódio, o soldado não consta na relação de vítimas do conflito. De fato, nas subseqüentes matérias do Jornal “A República” após o evento, detalhando ao máximo os acontecimentos, o nome de Luiz Gonzaga não aparece sequer uma vez. A primeira vez que seu nome vem à tona, é em um documento datado de 7 de janeiro de 1936, um relatório do governador do estado para o comandante da 7 Região Militar, em que diz “após a retirada do quartel foi atingido o soldado Luiz Gonzaga, que na metralhadora pesada se salientara como um bravo”<sup>3</sup>. O autor finda então com a apresentação de um artigo do jornalista Luiz Gonzaga Cortez para o jornal “O Poti”, de 29 de setembro de 1985, em que afirma que houve uma adulteração no relatório dos acontecimentos, no qual Luiz Gonzaga teria sido inscrito como soldado postumamente. Foi então publicada uma carta de João Medeiros Filho para a redação do jornal, em 12 de outubro de 1985, em que ele reconhece ter adulterado o relatório, mas que o fez “de boa fé”.

---

<sup>3</sup> FERNANDES apud COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o Primeiro Ato da Tragédia**. Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.

Sobre o episódio dos soldados que foram mortos dormindo, Frank Mccan apresenta discursos que foram formados no período imediatamente ao Levante Comunista, como forma de condená-la. A traição, a quebra da hierarquia, e principalmente, a destruição do sistema de hierarquia patriarcal-familiar, na qual os superiores deveriam ser respeitados como um pai, e os subalternos igualados fraternalmente, serão os principais pontos em que a formação do discurso vai se basear. Getúlio Vargas, em seu discurso de ano novo na passagem para 1936, vai fazer menção ao episódio, se referindo ao evento como uma situação no qual houve “cenas de revoltantes traições e, até, de assassinio frio e calculado de companheiros confiantes e adormecidos”<sup>4</sup>. Um artigo publicado pelo coronel Jarbas Passarinho na edição de novembro de 2007 no periódico “Inconfidência”, demonstra que é uma imagem arraigada até hoje no imaginário militar brasileiro:

“... Mas, quando capitão instrutor do CPOR de Belo Horizonte, fui companheiro de seu irmão, o capitão Bragança, um oficial de escol, cuja família tinha sido compelida a não revelar o que sabia, para que nas comemorações da Intentona, na Praia Vermelha, a ferocidade e a deslealdade dos comunistas fossem enfatizadas com eles matando militares, até dormindo.”<sup>5</sup>

Frank Mcaan vai apontar que essa versão não se sustenta, em vista dos rumores que circulavam sobre uma rebelião:

“Nenhum dos testemunhos dos que presenciaram o episódio falam em soldados mortos na cama, mas essa logo se tornou a referência clássica à revolução. É verdade que alguns praças de prontidão estavam na cama, totalmente fardados e armados. Mas tratava-se de uma medida de controle, para impedir contatos subversivos. Havia escolta até para ir ao banheiro. Nenhum Relato afirma que estavam dormindo.”<sup>6</sup>

Outro ponto que tratarei diz respeito ao nacionalismo exacerbado que é difundido no Exército após o Levante. Um dos discursos conservadores formados sobre o episódio é de que seus participantes foram meros fantoches a serviço de uma nação estrangeira, denunciando o caráter anti-nacional do Levante Comunista. Apesar de diversas revoluções e rebeliões terem sido levadas a cabo pelo Exército, como as Revoltas Tenentistas de 1922 e 1924, elas foram realizadas por membros do Exército em prol da instituição, algo que se modifica no Levante

---

<sup>4</sup> OLYMPIO apud McCann, Frank D. **Soldados da Pátria**: História do Exército Brasileiro 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 486-487.

<sup>5</sup> PASSARINHO, Jarbas. **O Levante Comunista de 1935: Reflexões**. Jornal do Grupo Inconfidência, Minas Gerais, novembro de 2007. n. 120, p.9.

<sup>6</sup> MCCAAN, Frank D. **Soldados da Pátria**: História do Exército Brasileiro 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p 485.

Comunista em 1935, pela participação de um elemento exógeno que seria o Komintern. De fato, durante a direção de Stalin, o Komintern é progressivamente transformado cada vez mais em um mero aparato da política externa soviética.

O Levante no Rio Grande do Norte, em especial em Natal, é um importante ponto para servir como marco dessas transformações que o Exército vai passar, pois aqui começa o primeiro foco da Revolução, em que o Exército não estava preparado e não possuía indicadores reais de uma revolução. A cidade foi tomada, as autoridades depostas, estabelecido um governo provisório, e foram organizadas colunas que marcharam pelo interior do Estado propagando a rebelião por onde passavam. Nenhum outro estado afetado pelo Levante foi, de fato, ocupado pelo Exército como o Rio Grande do Norte.

Através da análise bibliográfica sobre o episódio, com a contextualização do relacionamento dos revoltosos com Moscou na obra de William Waack, com depoimentos de participantes de ambos os lados do conflito, como no caso de João Medeiros Filho e nos documentos apresentados pelo general Ferdinando de Carvalho, ou na obra de Homero Costa, de jornais da época como “A República”, minhas pesquisas apontam para a direção na qual o pensamento conservador da época procurou, através da construção de discursos, extirpar o comunismo, junto com outras doutrinas e ideologias consideradas prejudiciais de suas instituições, em especial do Exército, como forma de manutenção da ordem e do status quo. Dessa forma, este trabalho visa contribuir, através da análise dos discursos formados no período pós-intentona, para demonstrar um engrossamento do discurso conservador através do anticomunismo, e conseqüentemente, um fortalecimento do pensamento conservador, em especial do Exército, após uma reformulação de sua identidade e a revisão de suas prioridades em relação a seus opositores. De fato, os eventos que se desenrolaram durante o Levante serviram como justificativa para a propagação do discurso conservador, que levaram a medidas como a censura a imprensa e declaração de estado de sítio, dando a estes discursos um grande alcance tanto no meio militar, quanto no governo e na sociedade civil.

## **BIBLIOGRAFIA:**

CARVALHO, Ferdinando de. **Lembra-vos de 35!**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

CORRÊA, Arsênio E. **A Ingerência Militar na República e o Positivismo**. Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura, 1997.

COSTA, Homero de Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o Primeiro Ato da Tragédia**. Natal: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.

FURTADO, João Maria. **Vertentes**. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, 1976.

MCCAAN, Frank D. **Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEDEIROS FILHO, João. **82 Horas de Subversão: Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte**. Natal: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1980.

PASSARINHO, Jarbas. **O Levante Comunista de 1935: Reflexões**. Jornal do Grupo Inconfidência, Minas Gerais, novembro de 2007. n. 120.

WAACK, William. **Camaradas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.